

## Variação Linguística - Gourmet

### Resumo

---

Variação linguística é o modo pelo qual a língua se diferencia dentro do seu próprio sistema. Esta diferença pode ser histórica, geográfica ou sociocultural. Vemos que a língua não é única, que o sistema linguístico abriga diversos ângulos na realização linguística. Observamos a diferenças na fala que se relacionam à idade, à região do país, à cultura e até mesmo ao estilo. Se prestarmos bastante atenção, perceberemos que a variação acontece nos mais variados segmentos da língua, como o fonético, o sintático, o léxico, o semântico etc. Tudo isso também configura a evolução da língua, o seu desenvolvimento e sua adaptação através do tempo e das mudanças sociais.

A área de estudo que busca entender e descrever as diferentes manifestações linguísticas em um mesmo idioma chama-se sociolinguística. O pesquisador dessa área busca verificar entre os falantes de determinadas línguas diferenças nos modos de falar de acordo com quatro níveis:

#### **Variação diacrônica**

A língua varia no tempo e essa variação passa a ser notada ao comparar dois estados de uma língua. O processo de mudança é gradual, ou seja, não acontece de repente.

Uma língua muda porque é falada segundo os costumes, a cultura, as tradições, a modernização tecnológica e o modo de viver da população, que estão sempre em constante processo de mudança devido ao tempo. Por isso, as mudanças da língua podem ser percebidas com o contato com pessoas de outras faixas etárias e com textos escritos ou falados de outras épocas.

O pronome tu, por exemplo, antigamente, era o único pronome de segunda pessoa do singular; entretanto, com o tempo, outras formas de tratamento surgiram, como Vossa Mercê e Vossa Majestade. A palavra “vossa mercê” se transformou sucessivamente em “vossemecê”, “vosmecê”, “vancê” e “você”. Além disso, ao longo do tempo, algumas palavras tiveram alteração na pronúncia, mas não na escrita, enquanto um mesmo som pode ser apresentado com diferentes representações.

#### **Variação diatópica**

A língua varia no espaço pois pode ser empregada diferentemente dependendo do local em que o indivíduo está. A variação diatópica diz respeito justamente às diferenças linguísticas que podem ser vistas em falantes de lugares geográficos diferentes. Por isso, é mais observada em locais diferentes mas com falantes da mesma língua.

A macaxeira, por exemplo, muito consumida no Norte e no Nordeste, é chamada de aipim ou mandioca no Sudeste. Outro exemplo é a palavra “mexerica”, que, em algumas regiões, é conhecida como “bergamota” e, em outras, como “tangerina”. No entanto, essa variação não se trata apenas de uma variação no léxico: questões fonéticas e gramaticais também são amplamente consideradas. No que se refere à sintaxe, nota-se que é grande a recorrência de alguns termos sintáticos, como, por exemplo, “vou não” em vez de “não vou” e “é não” em vez de “não é”.

São diversos os exemplos desse tipo de variação. Muitos deles são apropriados pelas diferentes regiões, tratando-se apenas de variações bem-conhecidas. No entanto, há casos de desconhecimento e dificuldade de comunicação devido à divergência dos termos para um mesmo significado.

## Variação diastrática

A língua varia de acordo com fatores sociais. A variação social está relacionada a fatores como faixa etária, grau de escolaridade e grupo profissional e é marcada pelas gírias, jargões e pelo linguajar singelo, já que são aspectos característicos de certos grupos.

- **Fator etário:** A idade dos participantes da comunicação é um dado relevante, já que, a partir dela, serão feitas escolhas linguísticas diferentes. Isso é visível na comparação entre um jovem e uma pessoa mais velha, em que cada um usará vocábulos mais comuns à sua geração.
- **Fator da escolaridade:** Este fator se liga a uma categoria essencial, que é a educação. Na escola, aprende-se a usar a língua em situações formais de acordo com a “norma padrão” ou “norma culta”. Esta norma está ligada ao conjunto de usos e costumes linguísticos que rege qualquer língua e é tão indispensável quanto as variações linguísticas: se na fala escolhe-se um vocabulário coloquial, menos preocupado com as regras gramaticais, na escrita deve-se optar pela linguagem padrão, pois um texto repleto de expressões informais pode não ser acessível para todos os tipos de leitores.
- **Fator profissional:** Cada grupo profissional possui um conjunto de nomes e expressões que se ligam à atividade desempenhada; ou seja, essa fator trata do jargão típico de cada área. O campo do Direito, por exemplo, utiliza palavras relacionadas a leis, a artigos e a determinados documentos, assim como a área da Medicina utiliza um vocabulário que apenas os médicos são capazes de entender.

## Variação diafásica

A língua varia de acordo com o contexto comunicativo, isto é, a ocasião determina o modo de falar, que pode ser formal ou informal. Esta variação, portanto, refere-se ao registro empregado pelo falante em determinado contexto interacional, ou seja, depende da situação em que a pessoa está inserida.

Em uma palestra, por exemplo, um professor deve utilizar a linguagem formal, isto é, aquela que respeita as regras gramaticais da norma padrão. Por outro lado, em uma conversa com os amigos, esse mesmo professor pode se expressar de forma mais natural e espontânea, sem a obrigação de refletir sobre a utilização da língua de acordo com a norma culta. Nesse mesmo sentido, deve-se reforçar que a linguagem usada na internet e em um texto formal deve ser diferenciada: enquanto, na internet, é permitido o uso de abreviações e o uso de “pra” no lugar de “para”, em uma redação, isso é proibido, uma vez que é um texto que exige a norma culta da língua.

## Exercícios

---

1. Motivadas ou não historicamente, normas prestigiadas ou estigmatizadas pela comunidade sobrepõem-se ao longo do território, seja numa relação de oposição, seja de complementaridade, sem, contudo, anular a interseção de usos que configuram uma norma nacional distinta da do português europeu. Ao focalizar essa ao longo do território, seja numa relação de oposição, seja de complementaridade, sem, contudo, anular a interseção de usos que configuram uma norma nacional distinta da do português europeu. Ao focalizar essa a pensar na bifurcação das variantes continentais, ora em consequência de mudanças ocorridas no Brasil, ora em Portugal, ora, ainda, em ambos os territórios.

**CALLOU, D. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. (orgs). Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007 (adaptado).**

O português do Brasil não é uma língua uniforme. A variação linguística é um fenômeno natural, ao qual todas as línguas estão sujeitas. Ao considerar as variedades linguísticas, o texto mostra que as normas podem ser aprovadas ou condenadas socialmente, chamando a atenção do leitor para

- a) desconsideração da existência das normas populares pelos falantes da norma culta.
- b) difusão do português de Portugal em todas as regiões do Brasil só a partir do século XVIII.
- c) existência de usos da língua que caracterizam uma norma nacional do Brasil, distinta da de Portugal.
- d) inexistência de normas cultas locais e populares ou vernáculos em um determinado país.
- e) necessidade de se rejeitar a ideia de que os usos frequentes de uma língua devem ser aceitos.

2. Serafim da Silva Neto defendia a tese da unidade da língua portuguesa no Brasil, entrevendo que no Brasil as delimitações dialetais espaciais não eram tão marcadas como as isoglossas<sup>1</sup> da România Antiga. Mas Paul Teyssier, na sua História da Língua Portuguesa, reconhece que na diversidade socioletal essa pretensa unidade se desfaz. Diz Teyssier: “A realidade, porém, é que as divisões ‘dialetais’ no Brasil são menos geográficas que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra.”

SILVA, R. V. M. O português brasileiro e o português europeu contemporâneo: alguns aspectos da diferença. Disponível em: [www.uniroma.it](http://www.uniroma.it). Acesso em: 23 jun. 2008.

1 isoglossa – linha imaginária que, em um mapa, une os pontos de ocorrência de traços e fenômenos linguísticos idênticos.

FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

De acordo com as informações presentes no texto, os pontos de vista de Serafim da Silva Neto e de Paul Teyssier convergem em relação

- a) à influência dos aspectos socioculturais nas diferenças dos falares entre indivíduos, pois ambos consideram que pessoas de mesmo nível sociocultural falam de forma semelhante.
  - b) à delimitação dialetal no Brasil assemelhar-se ao que ocorria na România Antiga, pois ambos consideram a variação linguística no Brasil como decorrente de aspectos geográficos.
  - c) à variação sociocultural entre brasileiros de diferentes regiões, pois ambos consideram o fator sociocultural de bastante peso na constituição das variedades linguísticas no Brasil.
  - d) c diversidade da lngua portuguesa na Rom\_hia Antiga, que atGhoje continua a existir, manifestando-se nas variantes linguísticas do português atual no Brasil.
  - e) à existência de delimitações dialetais geográficas pouco marcadas no Brasil, embora cada um enfatize aspectos diferentes da questão.
3. **Mandinga** – Era a denominação que, no período das grandes navegações, os portugueses davam à costa ocidental da África. A palavra se tornou sinônimo de feitiçaria porque os exploradores lusitanos consideravam bruxos os africanos que ali habitavam – é que eles davam indicações sobre a existência de ouro na região. Em idioma nativo, mandinga designava terra de feiticeiros. A palavra acabou virando sinônimo de feitiço, sortilégio.

COTRIM, M. O pulo do gato 3. São Paulo: Geração Editorial, 2009 (fragmento).

No texto, evidencia-se que a construção do significado da palavra mandinga resulta de um(a)

- a) contexto sócio-histórico.
- b) diversidade étnica.
- c) descoberta geográfica.
- d) apropriação religiosa.
- e) contraste cultural.

4. A gramática normativa, veiculada na escola, vê a língua como algo homogêneo, imutável, e é essa a ideia que é passada no ensino em todos os níveis. O estudo da língua portuguesa é quase sempre associado à noção do “certo” e do “errado”, como se só houvesse uma única possibilidade de utilização normal da língua. Os não-especialistas e os próprios alunos, nas escolas, costumam dizer que não sabem “falar português”. Vários especialistas, profissionais que trabalham com a língua, no dia a dia, tais como João Ubaldo Ribeiro e Luís Fernando Veríssimo, destacam, desde a década de 1980, o fato de que falar e escrever certo é como falam os praticantes da norma culta de determinado local, norma culta essa que não pode ser definida por legislação, mas antes levantada, pesquisada, aferida, avaliada e estudada. E ainda que a sintaxe é uma questão de uso, não de princípios: escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo.

CALLOU, D. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, S. R & BRANDÃO, S. F. Ensino de Gramática: Descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2014.

A partir do conteúdo apresentado, João Ubaldo Ribeiro e Luís Fernando Veríssimo defendem que a gramática deve ser

- a) normativa, baseada somente nas regras do português padrão.
- b) regional, pautada nas características específicas dos regionalismos presentes na língua.
- c) universal, que admita a não existência de regras na língua portuguesa.
- d) descritiva, que analise as regras da língua em uso pelos falantes.
- e) racional, que priorize as construções pautadas em raciocínios lógicos.

5. Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!  
Brasil, de amor eterno seja símbolo  
O lábaro que ostentas estrelado,  
E diga o verde-louro dessa flâmula  
— “Paz no futuro e glória no passado.”  
Mas, se ergues da justiça a clava forte,  
Verás que um filho teu não foge à luta,  
Nem teme, quem te adora, a própria morte.  
Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!  
Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada, Brasil!

Hino Nacional do Brasil. Letra: Joaquim Osório Duque Estrada. Música: Francisco Manuel da Silva (fragmento).

O uso da norma-padrão na letra do Hino Nacional do Brasil é justificado por tratar-se de um(a)

- a) reverência de um povo a seu país.
- b) gênero solene de característica protocolar.
- c) canção concebida sem interferência da oralidade.
- d) escrita de uma fase mais antiga da língua portuguesa.
- e) artefato cultural respeitado por todo o povo brasileiro.

6. Zé Araújo começou a cantar num tom triste, dizendo aos curiosos que começaram a chegar que uma mulher tinha se ajoelhado aos pés da santa cruz e jurado em nome de Jesus um grande amor, mas jurou e não cumpriu, fingiu e me enganou, pra mim você mentiu, pra Deus você pecou, o coração tem razões que a própria razão desconhece, faz promessas e juras, depois esquece.

O caboclo estava triste e inspirado. Depois dessa canção que arrepiou os cabelos da Neusa, emendou com uma valsa mais arretada ainda, cheia de palavras difíceis, mas bonita que só a gota serena. Era a história de uma boneca encantadora vista numa vitrine de cristal sobre o soberbo pedestal. Zé Araújo fechava os olhos e soltava a voz:

Seus cabelos tinham a cor/ Do sol a irradiar/  
Fulvos raios de amor./ Seus olhos eram circúnvagos/  
Do romantismo azul dos lagos/ Mãos líriais, uns braços divinais,/

Um corpo alvo sem par/ E os pés  
muito pequenos./Enfim eu vi nesta boneca/ Uma perfeita Vênus.

CASTRO, N. L. *As pelejas de Ojuara o homem que desafiou o diabo*. São Paulo: Arx, 2006 (adaptado).

O comentário do narrador do romance “[...] emendou com uma valsa mais arretada ainda, cheia de palavras difíceis, mas bonita que só a gota serena” relaciona-se ao fato de que essa valsa é representativa de uma variedade linguística

- a) detentora de grande prestígio social.
- b) específica da modalidade oral da língua.
- c) previsível para o contexto social da narrativa.
- d) constituída de construções sintáticas complexas.
- e) valorizadora do conteúdo em detrimento da forma.

## 7. De domingo

- Outrossim...
- O quê?
- O que o quê?
- O que você disse.
- Outrossim?
- É.
- O que é que tem?
- Nada. Só achei engraçado.
- Não vejo a graça.
- Você vai concordar que não é uma palavra de todos os dias.
- Ah, não é. Aliás, eu só uso domingo.
- Se bem que parece mais uma palavra de segunda-feira.
- Não. Palavra de segunda-feira é “óbice”.
- “Ônus”.
- “Ônus” também. “Desiderato”. “Resquício”.
- “Resquício” é de domingo.
- Não, não. Segunda. No máximo terça.
- Mas “outrossim”, francamente...
- Qual o problema?
- Retira o “outrossim”.
- Não retiro. É uma ótima palavra. Aliás é uma palavra difícil de usar. Não é qualquer um que usa “outrossim”.

VERISSIMO, L. F. *Comédias da vida privada*. Porto Alegre: L&PM, 1996 (fragmento).

No texto, há uma discussão sobre o uso de algumas palavras da língua portuguesa. Esse uso promove o(a)

- a) marcação temporal, evidenciada pela presença de palavras indicativas dos dias da semana.
- b) tom humorístico, ocasionado pela ocorrência de palavras empregadas em contextos formais.
- c) caracterização da identidade linguística dos interlocutores, percebida pela recorrência de palavras regionais.
- d) distanciamento entre os interlocutores, provocado pelo emprego de palavras com significados pouco conhecidos.
- e) inadequação vocabular, demonstrada pela seleção de palavras desconhecidas por parte de um dos interlocutores do diálogo.

## 8. TEXTO I

Entrevistadora – eu vou conversar aqui com a professora A. D. ... o português então não é uma língua difícil?

Professora – olha se você parte do princípio... que a língua portuguesa não é só regras gramaticais... não se você se apaixona pela língua que você... já domina que você já fala ao chegar na escola se o teu professor cativa você a ler obras da literatura... obras da/ dos meios de comunicação... se você tem acesso a revistas... é... a livros didáticos... a... livros de literatura o mais formal o e/ o difícil é porque a escola transforma como eu já disse as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

## TEXTO II

Entrevistadora – Vou conversar com a professora A. D. O português é uma língua difícil?

Professora – Não, se você parte do princípio que a língua portuguesa não é só regras gramaticais. Ao chegar à escola, o aluno já domina e fala a língua. Se o professor motivá-lo a ler obras literárias, e se tem acesso a revistas, a livros didáticos, você se apaixona pela língua. O que torna difícil é que a escola transforma as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001 (adaptado).

O Texto I é a transcrição de uma entrevista concedida por uma professora de português a um programa de rádio. O Texto II é a adaptação dessa entrevista para a modalidade escrita. Em comum, esses textos

- a) apresentam ocorrências de hesitações e reformulações.
- b) são modelos de emprego de regras gramaticais.
- c) são exemplos de uso não planejado da língua.
- d) apresentam marcas da linguagem literária.
- e) são amostras do português culto urbano

9. O nome do inseto pirilampo (vaga-lume) tem uma interessante certidão de nascimento. De repente, no fim do século XVII, os poetas de Lisboa repararam que não podiam cantar o inseto luminoso, apesar de ele ser um manancial de metáforas, pois possuía um nome “indecoroso” que não podia ser “usado em papéis sérios”: caga-lume. Foi então que o dicionarista Raphael Bluteau inventou a nova palavra, pirilampo, a partir do grego pyr, significando “fogo”, e lampas, “candeia”.

FERREIRA, M. B. *Caminhos do português: exposição comemorativa do Ano Europeu das Linguas*. Portugal: Biblioteca Nacional, 2001 (adaptado)..

O texto descreve a mudança ocorrida na nomeação do inseto, por questões de tabu linguístico. Esse tabu diz respeito à

- a) recuperação histórica do significado.
- b) ampliação do sentido de uma palavra.
- c) produção imprópria de poetas portugueses.
- d) denominação científica com base em termos gregos.
- e) restrição ao uso de um vocábulo pouco aceito socialmente.



## 10. Azeite de oliva e óleo de linhaça: uma dupla imbatível

Rico em gorduras do bem, ela combate a obesidade, dá um chega pra lá no diabetes e ainda livra o coração de entraves

Ninguém precisa esquentar a cabeça caso não seja possível usar os dois óleos juntinhos, no mesmo dia. Individualmente, o duo também bate um bolão. Segundo um estudo recente do grupo EurOlive, formado por instituições de cinco países europeus, os polifenóis do azeite de oliva ajudam a frear a oxidação do colesterol LDL, considerado perigoso. Quando isso ocorre, reduz-se o risco de placas de gordura na parede dos vasos, a temida aterosclerose – doença por trás de encrencas como o infarto.

MANARINI, T. Saúde é vital, n. 347, fev. 2012 (adaptado).

Para divulgar conhecimento de natureza científica para um público não especializado, Manarini recorre à associação entre vocabulário formal e vocabulário informal. Altera-se o grau de formalidade do segmento no texto, sem alterar o sentido da informação, com a substituição de:

- a) "dá um chega pra lá no diabetes" por "manda embora o diabetes".
- b) "esquentar a cabeça" por "quebrar a cabeça".
- c) "bate um bolão" por "é um show".
- d) "juntinhos" por "misturadinhos".
- e) "por trás de encrencas" por "causadora de problemas".

**Gabarito**

---

**1. C**

O texto informa o leitor sobre as circunstâncias em que ocorreram as variantes linguísticas no Brasil (“só a partir do século XVIII se pode começar a pensar na bifurcação das variantes continentais, ora em consequência de mudanças ocorridas no Brasil, ora em Portugal, ora, ainda, em ambos os territórios”).

**2. E**

As opiniões entre os autores Teyssier e Serafim são iguais em relação à diversidade linguística, analisada sob um plano menos geográfico e mais sociocultural. Serafim se apoia numa comparação mais histórica, enquanto Teyssier se atém a uma análise sociológica.

**3. A**

A palavra “mandinga” é analisada no âmbito do contexto sócio-histórico. Primeiro, no período de aproximação com a costa africana que os exploradores chamavam de “manding” e depois, pela carga semântica da palavra que, em idioma nativo, significava “terra de feiticeiros”.

**4. D**

A proposta dos autores é de uma gramática que descreva a língua utilizada pelos falantes cultos, e que ela seja pesquisada e estudada, sem ser definida apenas pelas leis da gramática normativa.

**5. B**

O uso da norma padrão é a forma utilizada para estabelecer em gêneros que retratam a característica protocolar. Isso explica a sua utilização no Hino Nacional Brasileiro que se trata de um símbolo representativo nacional; logo, seu caráter precisa mais formal.

**6. A**

A expressão “palavras difíceis e desconhecidas” pelo narrador-personagem reforçam um exemplo de variação linguística às classes de maior prestígio, as quais ele não pertence e por isso ele acha bonito.

**7. B**

Palavras como “outrossim”, “desiderato” e “ônus” são, geralmente, empregadas em um contexto mais formal, diferentemente do contexto, marcado pela informalidade, do texto de Verissimo. Isso provoca o tom humorístico a que a alternativa se refere.

**8. E**

A questão faz uma diferenciação entre norma culta e norma padrão, entendendo que nem sempre os falantes cultos da língua demonstram total domínio sobre as regras gramaticais. No caso dos dois textos, o português culto urbano está sendo utilizado mesmo que em alguns momentos haja o desvio da norma padrão, por exemplo, “ao chegar na escola”.

**9. E**

A palavra “caga-lume” originalmente surgida ficou vista como um termo inapropriado, pois alude a um contexto escatológico. Dessa forma, a solução encontrada pelos poetas foi modificar a nomenclatura para que a imagem do inseto pudesse ser utilizada em suas obras.

## 10. E

Causadora de problemas é uma construção típica da linguagem formal. Ela pode substituir por trás de encrencas sem alteração de sentido.